

ENTREVISTA COM PADRE ENOQUE JOSÉ DE OLIVEIRA

Alexandra Cardoso da Silva Duarte
Lucicleide Guimarães Ribeiro

Apresentação

Enoque José de Oliveira, filho de pescadores, nascido na praia do Espraiado, região de Acaraú (CE) é pesquisador, poeta, compositor, educador popular, coordenador do trabalho de resgate popular da história de Canudos e principal líder do Movimento Popular e Histórico de Canudos.

Quando jovem, nas décadas de 60 e 70, trabalhou e estudou em Teresina (PI) e cursou teologia em Salvador (BA). Ordenado Padre, assumiu as paróquias em Teresina, Salvador e por último em Monte Santo (Nordeste da Bahia) região do Sertão de Canudos. “Santuário da fé e paraíso da grilagem”. Na paróquia, Enoque foi um transgressor da igreja. Mobilizou os camponeses, criou as comunidades de base e essa liberdade e resistência incomodou os poderes locais e o Serviço Nacional de Informações que monitorava as ações do Padre, entendendo que ele estaria fazendo uma campanha de ataques ao Governo e ao Regime, inclusive durante as celebrações das missas. Estes documentos confidenciais datados de 1985 foram disponibilizados depois da Comissão Nacional da Verdade. Foi preso, perseguido e expulso da igreja, além de receber uma moção de desagravo pela Câmara Municipal de Vereadores de Monte Santo em 12 de abril de 1984, considerando-o *persona non grata* no município.

Afastado em 1987 do exercício sacerdotal, Enoque lidera o Movimento de Canudos e assume o compromisso com o povo de continuar a luta longe dos domínios da igreja católica.

Enoque constrói um vasto acervo literário composto por manifestos elaborados para as Celebrações Populares pelos Mártires de Canudos, poesias, músicas, e livros a exemplo de Conselheiro do Sertão: Entre Prédicas e Conselhos (1997), Sarandita (2011) e foi organizador do livro Noventa anos depois... Canudos de novo(S/D).

Atualmente Padre Enoque segue liderando com muita dificuldade, pelos limites impostos pela nova ordem, o Movimento Popular e Histórico de Canudos, continua investindo na pesquisa e na construção de textos mobilizadores da luta.

1. Quais pressupostos religiosos e políticos dos anos de 1970 e 1980 serviram de fundamentos e inspiração para organização inicial do Movimento Popular e Histórico de Canudos?

O Movimento Popular e Histórico de Canudos tem por base, inspiração ou ideário político a memória histórica da região. Essa memória oral ou histórica inspirou ao mesmo tempo a formação quanto o modelo de comunidades populares sintonizadas com aquele momento histórico. A paróquia de Monte Santo conflagrada por uma avalanche de conflitos graves adicionados a uma distância razoável da sede da Diocese vão favorecer o ambiente propício à criação de experiências novas permitindo ampla liberdade na fundação de comunidades eminentemente libertadoras. Graças à atenção dada as outras questões regionais abriu os caminhos à criação do Movimento Histórico de Canudos. Evento desafiador alinhado tão somente ao evento militarista de 1897. Acontecimento raro, revolucionário no coração do tão agredido, atacado, espicaçado Sistema da Caatinga. Ainda assim vale ressaltar, esse movimento expressou algo forte, destemido, identificado com a existência real, colocando-se muito além daquele soneto épico-burguês, sob o qual se assentara a ética ascética, termo essencial da sociologia burguesa de Max Weber, deixando para trás toda a carga reacionária, mistificadora da ética protestante (Max Weber) cujo descompromisso com a dramática exploração capitalista ainda mesclou quase a unanimidade dos sociólogos brasileiros.

Feito esse preâmbulo cabe lembrar: a fundação daquelas comunidades quanto a criação do Movimento de Canudos encampou por um unânime acordo, um estoque permanente de esforços para encontrar uma identificação razoável envolvendo os dois movimentos, promovendo uma espécie de simbiose cuja fusão dava os elementos promissores essenciais a uma trajetória redentora à existência dramática do mundo camponês. Em síntese, através de uma ação dialética, as comunidades inspiravam o Movimento, tal como este proporcionalmente

fortalecia as comunidades. Quer isto dizer: naquela fase inicial ainda não era coerente falar de “pressupostos religiosos e políticos” influenciadores daquela caminhada. Foi, no entanto, a práxis concreta o móvel a respeito do qual se implantou quanto desenvolveu a luta, sob o manto da Teologia da Libertação adicionada à Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Descobria-se aí a base político-religiosa sob a qual foi-se cristalizando o fortalecimento daquele trabalho. Esse roteiro fugia, de certa forma, do caminho seguido por muitos educadores políticos onde a teoria precede a práxis. Nesse caso fez-se o contrário, deu-se todo poder à prática. Ao cabo de uma década (80-90) quando as comunidades juntamente com o Movimento de Canudos ganharam fôlego, juntaram força popular o autor dessas linhas empenhou-se no trabalho de pesquisa acadêmica. Quer isto afirmar a falsa assertiva da inutilidade da teoria em proveito da prática? Não! Apenas comprovar como no trajeto de luta de libertação das massas proletárias a práxis concreta conduz à experiência de luta por ângulos bem mais consistentes, permitindo de maneira cabal, avançar teoricamente sob cada passo da luta. Qual a vantagem deste método? Quem pode se furta da objetividade do compromisso real? Os fatos conduzem a luta. Esta se pauta pelos fatos. Posto tal princípio quem pode abster-se da verdade? Quem pode valer-se do truque? Se a opção entre o farisaísmo versus autenticidade mede o caráter de quem afirma ou nega a realidade dada, desse ponto de vista quem pode esconder-se por detrás da pressão da neutralidade sem ser desmascarado? Quem pode fingir sem ser pego na encruzilhada? Quem pode arrogar para si aquilo ao qual pertence a coletividade? Nesse campo ninguém se furta da objetividade do compromisso real. A coerência entre o ser com o fazer torna-se um elemento essencialmente coerente com a realidade dada.

A partir da década de 80-90 de posse de certos estudos históricos, fez-se útil comparar até onde aquelas experiências nutriam certo liame com os pressupostos históricos políticos econômicos.

Esse roteiro dá uma opção aos seus interlocutores. Eles podem esfuviar-se na estreita senda das elocubrações fantasiosas, mas não podem fugir do juízo aflitivo da verdade dos fatos. Ao se tentar fugir da dicotomia teoria-prática livravam-se os indivíduos engajados de todas as artimanhas do farisaísmo. Quando a luta tem suas raízes na realidade objetiva vivida pelos indivíduos

persiste o dilema: ou se acompanha a marcha dos acontecimentos ou se rema contra ela, deformando-a. Há ainda outro elemento a se considerar: a luta tributária das experiências concretas, ou passa à história suas características reais ou navegando contra ela mostra-se burguesa, “ascética” (Weber), onde se confunde, por exemplo, capitalismo como “modo de produção” (Marx) ou capitalismo como “Cultura”. Isto é, ou se enfrenta a realidade concreta ou se é engolido por ela. Ou é revelada crítica, dialética, libertária, contestadora do sistema burguês vigente, ou se resvala para a mistificação.

Os pressupostos jurídicos-políticos, econômicos, religiosos, histórico-culturais devem se pautar não para engolir a realidade, mas esta, metamorfoseada, pode quanto deve, transformar-se para fazer a história, a cultura, a religião, a economia, etc., avançar a serviço das pessoas, dos grupos, da sociedade em geral.

2. Durante o processo de organização do Movimento Popular e Histórico de Canudos, qual o ponto de ruptura com seus pressupostos religiosos e políticos e sua principal descoberta e consequência?

Os pontos de ruptura não apareceram em função de pressupostos alheios à realidade. A ruptura passou a fazer parte do cenário inicial da luta, ou melhor, ela vai se incorporando tão somente decorridos seis meses de atuação. Um lado da questão, representado pelo prefeito de Monte Santo em exercício, ao não cooptar para seu grupo a liderança do vigário, declara aquela autoridade possuir “um tonel de gasolina para tocar fogo no religioso”. O candidato ao próximo pleito, contando também com o apoio decisivo de Antônio Carlos Magalhães (ACM) postava-se tenaz quanto farisaicamente, executando à porta da matriz o hino do Senhor do Bonfim.

Do lado externo à Paroquia, a luta se fazia em franca ascensão. No interior dela visava-se tomar das mãos dos partidos¹, PDS 1 – Partido Democrático Social 1, PDS 2 – Partido Democrático Social 2, as duas irmandades

¹ O PDS foi um partido criado durante o regime militar. Como o regime vetava outra opção partidária em algumas cidades da Bahia, para se manter a hegemonia Carlista. Em Monte Santo, diante dos impasses locais, recorreu-se a esta estratégia, dividiu-se em PDS 1, comandado por Hélio Cardoso de Matos e PDS 2 por Ariston Correia de Andrade.

da paróquia, o Sindicato, o Hospital Regional sob o domínio dos dois grupos, para colocar a serviço do povo. Como se não fosse mais um capítulo macabro, o chefe político do PDS 1, representando o conservadorismo rural, postava-se como dono da Irmandade da Santa Cruz à revelia do vigário. Enquanto o chefe político do PDS 2 arvorando-se dono da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, do Hospital Regional, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais representava o conservadorismo urbano. O quadro, pela sua amplitude quanto radicalidade, mostrava-se altamente perigoso, dada a complexidade dos problemas quanto sua extensão, pois o Senhor Bispo Jairo Matos da Silva a princípio se articulava há pelo menos seis meses com o propósito de expulsar o padre da paróquia, além de sua inteira subserviência ao poder local, jamais admitiria devolver à paróquia as instituições, as quais se apropriaram.

Por tudo quanto a história tem de compromisso com a vida, o romance da paróquia de Monte Santo cabia naturalmente naquele cenário das lutas miraculosas. Não lhe faltavam capítulos inéditos, portanto, um componente mais grave dava munição ao bispo na sua façanha particular, de enfrentamento àquela situação grave. O componente em cena tem rumo: devolver esses patrimônios à paróquia significava legitimar aquele trabalho com o qual o bispo já se havia indisposto. Se o propósito era dar uma outra direção às lutas, às comunidades, ao Movimento de Canudos, retirando deles o seu caráter libertário, devolver essas instituições, ainda quando, na prática, significava colocá-los a serviço de milhares de pessoas, como o Hospital Regional construído pelo povo com a direção do antigo vigário, significava dar um passo radical no avanço do trabalho.

Para superar estes desafios, contactamos um grande advogado da Bahia, à época já atuava em meu favor no processo imposto pelo poder político-jurídico. Da mesma forma foi mantido contato com uma equipe médica de Salvador para dirigir, quanto tornar este hospital num grande propulsor da luta geral na região. Como não podia deixar de ser, coloquei ao conhecimento do bispo as propostas da paróquia. O tom não podia ser de conagração. Para se fechar esse capítulo conclui-se: o bispo com seu clero prefere manter tais patrimônios a serviço de interesses escusos, corruptos, fraudu-

lentos, politiquieiros, representados por inimigos do povo, a colocá-los na função para os quais foram erigidos. Eis uma parte da batalha a ser travada: contra a vontade do bispo foram tomadas uma das Irmandades, além do Sindicato. Além disso, a minha expulsão da paróquia, durante as filmagens da minissérie, impediu quanto torpedeou novos desdobramentos promissores às massas camponesas.

Retomando o tema geral da questão, passados seis meses entram em cena clero, fazendeiros, áreas militares, setores políticos gerando uma frente de ruptura entre o antes/depois do trabalho ou da caminhada. Desta maneira, estão estabelecidas todas as formas de rupturas, interferindo nos mais variados campos onde aqueles setores tinham os seus interesses escusos colocados em xeque. Um desses interesses diz respeito à visão torpe, burguesa, militarista, reacionária, messiânica, milenarista, a respeito dos quais haviam estabelecidos sua rede de interesses contrária a atuação da gente do Conselheiro.

Para manter esse sistema escravocrata pautado no medo, na ignorância, na opressão, estabelecida nesta região, nada deveria mudar ou tomar rumo novo. Daí ser imprescindível manter a ideologia do medo, da subordinação do pensamento. Desde quando o Movimento colocara como peça de destaque a questão conselheirista, toda tentativa de barrar essa ideia, todo movimento para tornar visível a positividade daquela luta passada, devia ser deflagrada. Ou seja, todos os meios serão admitidos contanto possam frear a mente, torpedear a ação, contaminar com o vírus da cizânia, todas as formas de divisão nas famílias, entre os paroquianos, os trabalhadores. Tudo isso na sua forma geral visava abrir uma campanha tanto dentro quanto fora da paróquia, de difamação do trabalho com as suas lideranças. Tudo fora colocado em marcha. Mas o trabalho parecia exigir esse corpo estranho, materializado, para poder se expandir.

As consequências positivas-negativas estão documentadas. O vírus capacho da bandidagem não alterou o produto da organização do povo. Só uma causa foi fatal: a expulsão do padre da paróquia, a expulsão de quem continuasse na luta. Fora isso abriram toda sorte de vingança. Quem fora batizado pelo vigário tinha que ser batizado novamente. Quem quisesse continuar

na luta estava proibido de requisitar batistério para efeito de aposentadoria. Quem insistisse não receberia os sacramentos. Como gratificação pela quebra do sucesso do trabalho a Alemanha gratificou a paróquia com potentes carros, com belas quantias em dinheiro. A imprensa, representada principalmente pelo Jornal A Tarde, proclamava o seu fulgor acerca do retorno de Monte Santo à religião do ópio. Isto é, fecha-se questão: com o Editorial de A Tarde, *Preparando a Guerrilha*, referindo-se à primeira missa de Canudos às bordas do Vaza-Barris, proclamava-se a peça sacralizadora em favor de todos os setores atingidos pelo trabalho. O editorial não representava uma ruptura, mas a conjunção desafortunada, marginal de tudo quanto a Bahia havia erigido de pior, sob o manto da elite burguesa. O editorial era a voz de Mefistófeles. Como não conseguira perverter nem comprar as almas dos depravados, derramava sobre eles a mais sórdida vingança dos endiabrados.

3. *Em que medida o Movimento Popular e Histórico de Canudos, em seu momento mais conseqüente e transformador, se aproxima de movimentos revolucionários em outros cantos do Brasil e da América Latina ou não pode ser comparado com nenhum outro?*

De um modo geral, as definições políticas dos movimentos originados no seio das classes proletárias são tipificadas de acordo com as posições de classe de quem os investiga. Nem sempre tais definições retratam as situações pelas quais eles se colocam frente à sociedade. Ouvi muitas vezes pessoas ditas de esquerda desclassificarem os movimentos das invasões de Salvador, trecho estendido de Lobato à Paripe, pelo fato de sua principal liderança, este pesquisador, professar crença religiosa. No outro extremo, pesquisadores renomados enquadram o movimento conselheirista como movimento messiânico, milenarista. A despeito das várias investigações, chama a atenção o fato de tais análises nunca admitirem a possibilidade de tratar-se naquele caso, de um típico movimento camponês. Desde quando, sua procedência deriva de quem trabalha no campo. Possuir características religiosas não é substrato para cair na teia do messianismo. Nem a busca de uma nova sociedade legítima conceito milenarista.

Feito este preâmbulo, o Movimento de Canudos associado as comunidades populares, abrangendo grandes questões das massas camponesas nesta região Nordeste da Bahia, qual deve ser a sua definição política? Do enfrentamento dessas grandes causas não há como negar, mas há um ponto em comum com outros movimentos: trata-se de um movimento de camponeses. Associado a esse ponto assumiu uma característica própria, independente. Isto é, a força do Movimento não decorria de retaguarda alguma, sua sobrevivência, sua força social, seu caráter sócio, político, religioso dependeu de suas forças particulares. Ainda quando tinha a sua origem nas comunidades da paróquia de Monte Santo ligada a uma diocese. Tal ligação pouco contou considerando-se o fato de a igreja oficial em poucos meses de existência do trabalho levantar a bandeira da expulsão do padre.

Mais uma causa fortalece a ideia de um trabalho avançado. Até 1981 as principais forças progressistas da Bahia mantiveram-se omissas quanto aquele movimento de Antônio Conselheiro. Registraram-se algumas posições concretas de valor considerável como o texto de Ruy Facó, o livro de Edmundo Muniz, mas ficaram no campo da escrita. Daí a abraçar aquela atuação camponesa visando transformá-la num movimento real, na mesma região onde a luta dos humildes desafiou os poderes do país, eis um traço fundamental para se levar em conta quando se pretende tipificar aquele movimento como experiência de caráter popular.

Dispensável seria levar a questão para o campo ascético, milenarista, sebastianista. Se o Movimento de Canudos ganhou visibilidade, graças aos esforços individuais ou comunitários, ele tem seus fundamentos numa conjuntura nacional aberta a mudanças profundas. Enfim, este foi um movimento desafiador. Chamou a si as experiências do passado, devolveu-lhe brilho, radicalidade, remeteu-a para o cenário do futuro onde as grandes questões do povo carecem de transformações reais.

4. Quais foram os principais resultados do Movimento Popular e Histórico de Canudos, até os nossos dias?

Uma mensagem partiu das lutas, da cultura do passado até poder inspirar as organizações do presente, fazendo avançar a história de luta das comunidades proletárias transformando aquelas experiências em movimentos atuais; libertou o movimento camponês conselheirista da pecha de milenarista, sebastianista, messiânico devolvendo-lhe o seu caráter único, preciso, simplesmente camponês; o Movimento de Canudos libertou a experiência camponesa conselheirista das manipulações fantasiosas colonialistas racistas. Pois, é impossível explicar a história, a cultura, as lutas, o caráter de um povo com categorias da patologia clínica, só para agradar o eugenismo positivista racista de Lapouge. Ou para ser escravo do “racismo científico” de Gobineau ou mesmo para reconhecer-se idilicamente como discípulo da Escola Positivista de Lombroso, como declarou-se o autor de *Os sertões*; o Movimento de Canudos jogou por terra o “mito” a respeito dos quais Euclides “disse tudo” sobre Canudos. Esse mito é um truque. Como alguém pode dizer tudo de uma situação a qual desconhece? Se nunca fez uma expedição de conhecimento da região? Se não conhece a sociedade mestiça? Se não entrevistou um único mestiço do Sistema da Caatinga?

O movimento mostrou como fazer a passagem da religião do ópio para a experiência da religiosidade guerreira, mostrando como tal ousadia só é possível operar quando superabundam as experiências mais fecundas, os elos mais afetivos, a felicidade mais desprendida, do acolhimento humano-espiritual com as doces parábolas de Jesus Cristo libertador (Leonardo Boff). Tal passagem não se faz com a mesma disposição como se adquire objetos da feira. Ela ocorre tão somente naquele estágio da superação das contradições políticas, quando o indivíduo se deixa cativar pela superação dos equívocos ideológicos estocados pelo individualismo patológico. Um exemplo digno de nota: Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, condena veementemente, mas de forma ostensiva, preconceituosa, racista, a religiosidade de Antônio Conselheiro por se alinhar aos mais caricatos, as mais remotas eras “retardatárias” praticadas por aquele “fanático” religioso. Em contrapartida, para desapontamento da inteligência do Nordeste, elege o missionário italiano Frei Apolônio de Toddy, fundador do santuário da Santa Cruz de Monte Santo, ao panteon da espiritualidade, como modelo de religião. Ora, a colocação é grotesca, tanto quanto o espírito ao qual o anima, é perverso, animalesco, farisaico.

Qual o motivo da escolha preferencial? Quais razões movem o jornalista militar? Entre o farisaísmo do velho baluarte da religião do ópio, de frente com a religiosidade da justiça, do amor ao próximo, da mão estendida à “elevação do nível” dos pobres camponeses, ele fica com a religião do europeu? Quem é aquele capuchinho se não o representante inconformado de um deus vingativo contrário aos pobres, inimigo número um dos povos politeístas, no entanto obstinado protetor do farisaísmo agressivo do povo judeu? O mais tirano grileiro tomador das terras de antigos povos com o fim de agradar a um único povo, o povo judeu? O seu caráter racista, preconceituoso, vingativo, envergonha os maiores tiranos da história. Mas, retornando ao centro da discussão desse ponto há algo escuso na escolha do jornalista militar: o seu ódio ao pobre. A Euclides pouco importa Conselheiro ou o frade, importa o fato de o frade travestir-se de porta voz da elite, do sistema escravocrata. Usa a religião para manter a sociedade presa. Segundo sua pregação o pecado está em não ir à missa. Todo pecado do mundo repousa nos atrativos sexuais enquanto ele estava rondando pelo Sertão pregando a manutenção do colonialismo, do mercantilismo, do capitalismo nos termos da religião. Quase na mesma época Arthur Schopenhauer declinava seu amor, seu sentimento humanista ao mundo. Quedava-se sobre o “sofrimento do mundo”. Imagine como esse filósofo humilharia os preceitos racistas do jornalista militar pregando em seu livro o “extermínio a bala” da sociedade mestiça por ser “degenerada” ou o seu desaparecimento pelo embranquecimento.

Para ser mais claro, o frade nunca levantou a voz diante das atrocidades capitalistas como fez, por exemplo, Thomas Morus, o chanceler da Inglaterra. Aliás, como fazê-lo, diante de tantos afagos dos escravocratas, senhores de terra? O ponto capital da discussão é esse: Euclides quanto Lutero odeiam pobres, não admitem ambos ver a massa pobre, na Alemanha, na China, na Rússia, no Vietnã, no Brasil, levantar-se contra as algemas dos opressores. A escolha por Apolônio de Toddy reflete a posição de classe de Euclides. Como Lutero manifestou sua posição de classe ao cair nos braços da nobreza, autorizando-a em documento escrito a atacar à bala os camponeses da Alemanha. Isto é, Lutero quanto Euclides frente ao levante dos camponeses pobres só

têm um gesto: o gesto genocida do opressor. Podem tirar-lhes a vida contanto extermine a rebeldia para a sociedade reconquistar sua normalidade burguesa. Quanta distância da grandeza de Schopenhauer, quando o filósofo colocando seu pensamento filosófico para protestar como nenhum outro, sobre o tema do “sofrimento do mundo”. Enquanto o jornalista preconiza uma guerra contra o mundo dos pobres, o filósofo chama a atenção da inteligência mundial para salvaguardar o planeta, território de todos os seres.

O Movimento mostrou o caminho para a conquista da terra, o trajeto para torná-la “terra comunal”. Captado esse princípio, tem-se de agir onde o conflito ocorre. Ao invés de buscar no Fórum Ruy Barbosa a solução dos conflitos como é práxis na CPT; levantou na região a defesa da água: cisternas, açudes, barragens sob os mais diversos ângulos, inclusive com reflorestamento do ecossistema da caatinga; fez da defesa da escolaridade dos camponeses seu tema capital. Pois a inteligência não é o lenitivo do despertar da rebeldia?

O Movimento transformou-se na mais potente campanha contra o farisaísmo, na política, na religião, na visão da natureza, da história, nas relações com a coisa pública, no combate à visão patrimonialista burguesa da história da economia, dos bens da terra.

5. *No contexto atual, o amortecimento das organizações sociais é visível. Em tempos de barbárie, em tempo de fomentar o levante da população, os movimentos esfriam os combates. Você considera o movimento de Canudos enfraquecido atualmente? Se sim, quais as principais razões que levaram a isso?*

Extremamente enfraquecido. Restaram as raízes, os troncos. Crescerão os galhos floridos nessa hecatombe do retrocesso? As gerações de pouca idade encantar-se-ão pelo movimento dos troncos dos galhos floridos? Tomarão a si o espírito nobre da contemplação, base natural do engajamento, da admiração pela proteção da natureza, pelo mundo das pessoas, pelo espetáculo da existência? Esta existência maltratada, resultado da destruição de várias nações, praticada pelos falcões de Washington. De novo eles, judeus fascistas, aterrorizando o mundo inteiro, destruindo povos quando esses se declaram não tanto afeiçoados a eles. Mas há contra eles um questionamento

severo da história: “ai de vocês” dissera Amós. Ainda assim, deslocam suas petroleiras, abrem suas zonas de conflito, empurram goela abaixo seus marines, suas instâncias satânicas, CIA, exército nazifascista, OTAN Pentágono, vomitando ódio, sangue bárbaro de suas Bases. Todo conceito parece pequeno para tamanha sede de mando, de poder, riqueza, derramamento de sangue. Só falta cair do céu como um deus ex machina na forma do Jeová tirano do antigo testamento. Para sacramentar a sua cruzada em prol da “teoria da prosperidade” do antigo testamento, codificada por Max Weber.

Dessa maneira, tem-se clara uma situação: sob qualquer ângulo ao qual se queira investigar o capitalismo ele entrou em crise, mas rejeita a acusação de ser ele a consequência dessa crise. O projeto de destruir nações, parecia disfarçar, mas escancarou-se. Rejeita a ideia de assumir os resultados de suas invasões terroristas, acobertado no discurso grotesco, dissimulado de “Democracia, Direitos Humanos, Liberdade”.

Finalmente o mundo apresentou o produto básico dessa tirania ianque: os milhões de refugiados resultante das nações destruídas ou de golpes disfarçados, destinados a torpedear o progresso material dos povos. O seu símbolo mais próximo é representado no Brasil pela “Lava Jato”. Aparentando combater a corrupção, foi demolindo as melhores empresas, partidos de esquerda, aniquilando os avanços tecnológicos de ponta, como os avanços da Petrobras, minando a democracia. Quando o ataque econômico, político, cumpriu o seu papel, desfez-se a farsa, acerca da campanha contra a corrupção. Resultado, golpeou-se a democracia. Delegou-se para o centro do poder a extrema direita fascista, reinou, destruiu, ameaçou, assassinou milhares nos leitos dos hospitais, sequestrados pelos vírus com a cumplicidade do governo genocida. Quem puniu? Os falcões de Washington não viram.

O quadro atual espanta, mas ele não apareceu por decreto espontâneo, ele tem origem, foi trabalhado geopoliticamente, fez raízes. Enquanto os agentes da esquerda vacilavam, apostavam no liberalismo como solução para os problemas humanos mundiais provocados pelo capitalismo, eles preparavam suas façanhas. A falha custou caro, o preço do retorno ao “individualismo” transmutado na personificação da extrema direita nazifascista, com cara

golpista disseminando a cultura do ódio, do terror, da antidemocracia sustentado na “mídia corporativa” sinônimo da comunicação fascista, espalhando o medo, a mentira, o terror como a força motriz dessa dominação das eras selvagens, acopladas aos tempos atuais.

Quando nesses últimos quatro anos a legião Trump, com sua cópia malfeita no país, o golpista Bolsonaro com seus capachos, abriram guerra contra toda iniciativa libertária do coletivismo. Eles já haviam plantado as sementes cuja árvore ensanguentada cresceu desarvoramente. Os frutos são calcinantes. Atuaram como uma cruzada de desumanização das sociedades, disseminando o florescimento do nazifascismo. Logo eles, falcões liberais, dispostos a salvar o capitalismo de suas próprias anomalias patológicas.

Objetivamente o tempo é propício aos levantes tanto quanto é proporcionalmente ao retrocesso nazifascista. Resta saber: comprarão as massas proletárias tal briga? Ganharão a monumental briga? Só o tempo com excessivo engajamento das pessoas dará o rumo melhor ou pior das coisas.

A barbárie atual promovida pela extrema direita fascista constitui o fato capital dos tempos atuais. Justo aí, o Movimento de Canudos perdeu todos os ingredientes materiais necessários ao progresso da luta. Ele foi projetado numa região de exilação das forças proletárias. Recompôr o quadro com novas forças, novas gerações, eis o lado crucial da batalha. Resta saber da aquiescência ou não, favorável ou não, da germinação das sementes.

6. O que você extrairia do Movimento Popular e Histórico de Canudos para o enfrentamento da guerra cultural contemporânea que, além de evangélicos fascistas, milicianos, os abutres do capital de sempre, há uma espécie de criminalização da política e sua organização de base coletiva?

Compõe o lastro característico dos regimes autoritários-golpistas, agachados às fórmulas militaristas feito sustentáculos de seus atentados à democracia, dirigir o projeto de demolição do Estado, dos partidos políticos, do Supremo, da imprensa, das organizações proletárias, visando pôr em marcha uma espécie de “Guerra Cultural”, substrato da força armada destinada a tomada do poder. Como a extrema direita fascista afina-se com

os regimes da elite, cuja sobrevivência depende da acumulação de Capitais, deflagrar seu ódio às classes proletárias sob nenhuma hipótese poderia apresentar saídas econômicas, estruturais destinadas a beneficiar as massas trabalhadoras. Estabelecido esse diagnóstico, um dos mecanismos de convencimento destinado a amortecer a insatisfação das massas, se impõe pela via da ideologia colonialista, racista, cristalizada através de um mecanismo diabólico chamado “Guerra Cultural” sistemática, onde toda produção cultural de caráter crítico deve ser aniquilada pelo poder oficial. Como alguns resquícios das ditaduras passadas, ou do capitalismo transnacional, sempre utilizaram da pecha do “comunismo” para esconder seu barbarismo extremista. Exemplo disso: em todas as ocasiões onde a extrema direita chegou ao poder, explora os mesmos artifícios deploráveis, na tentativa de cunhar, na alma das massas sua propaganda fascista. Seguindo em diferentes épocas, a mesma repetição dos “sentidos”, os mesmos clichês, os mesmos truques sádicos. Para atingir seus objetivos precisam sequestrar a consciência ingênua das massas, impregnando-a com a cultura rasteira, desprezível, destinada a rebaixar as massas. Fazê-las rastejar sob os mais baixos sintomas do ser humano, dissociando-as de tudo quanto há de mais digno, mais belo, mais ousado. No entanto a cultura do “entre tapas e beijos” é tudo quanto há de mais ignóbil, sem inteligência. Remetendo quem consome o produto para a baixeza da Caverna de Platão. Em termos atuais pode-se classificar de cultura do “obscurantismo”. Para tal, o governo, a direita fascista, financia um amplo programa anticultural destinado a obrigar as massas a consumir tal produto alienante. Na música, no teatro, nos livros, no cinema, toda produção deve capturar as mais fascinantes experiências da vida humana, para, num processo de massageamento das consciências, fazer emergir uma nova configuração comportamental, aberta à absorção do mais grotesco, do mais baixo nível de expressão cultural golpista, nazifascista.

Desenhado o quadro, se multiplicam as diversas manifestações culturais. Na música, erigiu-se um gênero apropriado aos fascistas “música sertaneja” “música gospel” recheada na obtenção dos favores do “deus-dólar” ou do deus tirano do antigo testamento resgatado por Max Weber como patrono

do combate ao marxismo, prometendo ao capitalismo protestante a “Teoria da Prosperidade”. Sem jamais explicitar em qual era idílica tal prosperidade chegara à mesa das massas protestantes pobres do planeta.

No âmbito da educação popular, até mesmo indivíduos reacionários, ante os quais os seus instintos perversos nunca foram modelados pela ilustração, como o boçal assaltante encastelado no Palácio do Planalto, cada cérebro racista acha-se com autoridade para atacar Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darci Ribeiro, sob as mais atormentadas rajadas patológicas lombrosianas. No âmbito conjuntural o governo genocida, miliciano de vocação, extinguiu o Ministério da Cultura, quando não fez dele um covil alienatório da contracultura grotesca, protestante, tão tacanha nos seus propósitos, tão asquerosa nas suas manias, tão ignóbil nos seus interesses a ponto de sequestrar as verbas da educação da infância, para negociar apoio às anomalias do governo. Se o sequestro das verbas da infância, o sequestro das verbas do combate ao câncer, o sequestro do dinheiro do povo para destruir o SUS, destruir as universidades, destruir os hospitais federais, destruir as florestas. Falta algo mais para sequestrar ou destruir com o dinheiro dos trabalhadores? Há sim: troca-se a ciência, o conhecimento, a inteligência pela mistificação da bíblia. Nesse novo cardápio fascista, já não basta ler a bíblia, encher o bucho do “deus-dólar”, mandar os pobres venderem drogas para comprar farinha. “Invés de feijão compre arma”. Eis o mais avançado programa de desenvolvimento cultural do governo fascista, sustentado por generais golpistas, com a boca, a alma, as tripas cheias do dinheiro do povo. Para fechar o triste quadro, poder-se-ia afirmar como os protestantes sempre insinuaram o fim dos tempos, o retorno do apocalipse, muito embora nunca abriram mão da “compulsão do dinheiro”, tema dos quais Freud com Jung negaram-se a enfrentar, ignoraram, por ser esta a categoria de compulsão mais perigosa desde quando é a fonte direta de todas as modalidades de guerra do planeta. Mas para quem não é protestante, ou se é mantém-se na categoria dos pobres, eis a briga real: fazer vencer a ciência, a inteligência, ou ser sequestrado por esse fanatismo fundamentalista da direita fascista.

7. *Para muitos pesquisadores você continua sendo uma das maiores lideranças, que representa uma ideia, um conceito que permanecerá inspirando tantas lutas coletivas. Qual a maior dificuldade de liderar o Movimento e quais as suas expectativas em relação às lideranças existentes e à formação de novos líderes?*

A formação de novas lideranças no caso do reagrupamento das minorias resistentes, sob a guarda desses fiéis escudeiros do patrimônio guerreiro do Sistema da Caatinga, vai depender das condições mínimas capazes de proporcionar as assembleias, outros eventos, transformados em palco real, decisivo, por onde as aspirações mais relevantes possam ser postas, com toda a vitalidade, com todo zelo, com toda a criatividade de uma luta livre, proletária, independente, desafiadora, suprapartidária.

Em quais bases tais encaminhamentos devem se estabelecer no momento atual? Existe uma outra ordem de estudo? De finalização? De avanço da causa? Quer isto considerar: o avanço do fundamentalismo, a descrença na esquerda, nos seus projetos de mudança, o ataque as massas despossuídas, as rajadas psicopatológicas do governo contra as organizações populares, a disseminação da extrema direita nazifascista, os equívocos da igreja católica, a fragilidade dos sindicatos são questões capitais na modificação da realidade. Por traz de tudo isso, venho me debatendo há muito com uma questão desafiadora: a precariedade de lideranças dispostas ao engajamento no trabalho gratuito. Em contrapartida, a outra banda da realidade mostra a facilidade de arregimentação de asseclas dispostos a entregar ao centro de difusão das crenças fundamentalistas, prometedoras de rapinas, milagres, de lotes no céu, onde figuram “ruas constituídas de moradias de ouro”. Ou seja, por quais razões é tão fácil erguer o cálice das promessas vazias do farisaísmo, da “teoria da prosperidade”, mas tão difícil arregimentar seguidores das formas de organização proletárias, desafiadoras.

Em se tratando da minha atuação individual, as condições apresentadas hoje vão desde o estudo, a produção do livro, criação de músicas conjugada a questão desafiadora da idade. Dessa forma, quais espaços poderão ser dedicados à luta? Nessa discussão tem-se de considerar o nosso engajamento nas lutas trazidas pelos camponeses: lutas por terra, água, der-

rubadas de cercas. Essa modalidade tem mais possibilidades de abrir espaços de organização. Porém a luta mais difícil é aquela originada na organização popular. Oriunda de novos contatos, novas questões, novas temáticas, capazes de apontar novos modelos de pedagogia conscientizadora. Eis o seu Calcanhar de Aquiles. O desafio está posto. O livro da vida, uma tábula rasa, como ou por quais meios vamos transcrever em páginas vibrantes os feitos da nova caminhada no país, depois de nós nordestinos, filhos do Sistema da Caatinga, ainda quando espicaçados, demos um tombo na extrema direita. Ainda assim não nos vendemos por um por um prato de lentilha da última hora. Nesse momento quando as trovoadas estão caindo no Sertão, o tempo adverte: Deixem-me viver, deixem-me falar, deixem-me crescer deixem-me organizar. Nada deve nos deter. Só os movimentos da vida devem nos projetar para outros capítulos da luta.

8. Em relação ao que foi pensado e o que se atingiu, em seu ponto de vista quais teriam sido os limites do Movimento Popular e Histórico de Canudos?

A questão da migração das lideranças comprometidas em busca de trabalho em outras regiões; a dicotomia entre educação versus trabalho no campo fez avançar muito pouco o desenvolvimento intelectual na região agravado pelo fundamentalismo protestante direitista; em vários momentos, nas assembleias, nos debates das comunidades, nos textos das Celebrações, nas missas, alertamos sobre o modelo de escolaridade, levando-se em conta experiências mundiais, adotamos uma metodologia inspirada na Pedagogia de Paulo Freire. Também nos reportamos insistentemente às propostas do renomado engenheiro do Recôncavo Baiano, André Rebouças, profundamente comprometido com o povo do seu país, como um dos destacados pilares do movimento abolicionista, defendeu ardorosamente, nas décadas de 70, 80 e 90 do século 19, como a forma mais eficiente de retribuição ao trabalho dos negros, gerador da riqueza nacional, nos quatro primeiros séculos de nossa formação quanto evolução histórica, a “democratização da terra” com “instrução técnica”. Segundo seu pensamento bem evoluído para a época, não bastava contemplar com um pedaço de terra a massa negra mestiça, era tanto quanto

relevante a instrução técnica. Sem esta, como podia ascender intelectual quanto economicamente aquela população proibida do conhecimento, da ciência, dos produtos da riqueza da terra?

Muitas das ideias de André Rebouças com as quais compartilho como divulgo, merecem ser captadas pelos agentes comprometidos com as massas populares do Nordeste. O modelo de escola vigente, tão abalado pela política fascista do fundamentalismo religioso, precisa se encontrar com os fundamentos da ilustração de André Rebouças.

Os limites impostos ao Movimento foram enfrentados com a disposição colossal das comunidades, onde cada passo, cada enfrentamento da luta, cada derrubada de cerca, cada assembleia apontava para uma nova fase da vida do povo simples, elevando o nível dos trabalhadores do campo.

9. Por que a principal inspiração do Movimento Popular e Histórico de Canudos foi e continua sendo a luta e a resistência do povo do Belo Monte?

A inspiração do Movimento de Canudos tem, na sua trajetória, vários modelos de inspiração.

A trajetória do Movimento Conselheirista nas décadas de 1870 a 1890, notadamente nos três rios da Bahia: São Francisco, Itapicuru e Vaza Baris, a Teologia da Libertação ao romper com um modelo de pensamento religioso tradicional burguês, deixando para traz a tradição católica, apresentava um novo caminho de reflexão teórica sobre a caminhada de Jesus, inspirando a trajetória de luta dos pobres no terceiro mundo. Enquanto a teologia católica tradicional utilizava a terminologia dos grandes teólogos da antiguidade, a Teologia da Libertação numa trajetória inovadora, utiliza do acúmulo de conhecimento histórico, principalmente no século 19, para fazer avançar tanto a prática como a teoria das comunidades de base. Essa Teologia revolucionou a trajetória da igreja no terceiro mundo, foi responsável pelas comunidades de base como revolucionou vários campos da atividade humana visando a transformar o ambiente de luta das sociedades ditas oprimidas. A partir dela, as comunidades criaram novos modelos de arte, de luta, de crença, de organização na vida dos pobres; certos textos bíblicos, especificamente os profetas guerreiros

ros complementados com as parábolas de “Jesus Cristo Libertador” (Leonardo Boff) considerado por este pesquisador como a essência da bíblia. Por quais razões tornaram-se desinteressantes, se não desprezíveis os demais conjuntos do chamado Livro Sagrado? O tom crítico da colocação vai de encontro ao antigo testamento, onde todas as formas de bandalheira são acolhidas quanto sacramentadas pelo deus opressor presente nele. Haja visto, os exemplos de Salomão com Davi. O primeiro tinha centenas de mulheres como amantes. O segundo estuprador de primeira linhagem, no entanto o antigo testamento colocou seus nomes como dignos representantes de Deus na terra; várias outras experiências históricas como o Movimento dos Quebra-Kilos no Nordeste em 1874 a 1876, os Munckers na Colônia de São Leopoldo, Rio Grande do Sul em 1876, o Contestado nos estados Paraná, Santa Catarina, já no século 20; textos históricos do marxismo; as comunidades populares criadas no terceiro mundo.

Como resistência o Movimento enfrentou relevantes desafios nesta região, foi sendo um movimento de caráter prático, assim como sua natureza refletia os reais desafios do mundo camponês no ecossistema da caatinga. Obedecia a um princípio geral, “para chegar à libertação completa, os povos oprimidos devem apoiar-se em primeiro lugar na sua própria luta...” (Mao-Tse-Tung).

O caminho pela luta de resistência dá um sentido novo à trajetória do Movimento. Por exemplo, as comunidades de Monte Santo assumiram práticas muito diferenciadas das comunidades de outras paróquias. Igual conotação política foi imprimida no resgate do Movimento Conselheirista. Os setores responsáveis pela intervenção armada no Belo Monte: fazendeiros, políticos, militares, clero, imprensa teriam distribuído muitos afagos acaso o resgate sugerisse a bandeira mistificadora do messianismo milenarista. Isso é, na sua discussão quanto na prática tivesse assumido um caráter místico burguês teria granjeado concordância com apoio econômico. Mas, ao colocar-se como movimento de questionamento às estruturas do passado-presente, obedecendo o modelo conselheirista da resistência à dominação, a resposta foi brutal. Essa característica “subversiva”, dita obediente ao clichê “comunista” se soma aquelas dificuldades de sobrevivência do Movimento, apontadas atrás. Acaso o Movimento se manifestasse como sinônimo de misticismo burguês como

se faz com as análises de Juazeiro, Contestado e tantos outros pelo país afora. Assim, seguindo a linha dos movimentos dos profetas, dos movimentos comunistas, dos movimentos operários, dos movimentos camponeses, o Movimento de Canudos paga um alto tributo. Não seria de se esperar resposta diferente. Eis o seu desafio: sobreviver sob os riscos desafiadores da história. Essa a sua grandeza. Da mesma forma como é rejeitado por setores da extrema direita fascista, com igual ânimo inspira os mais diversos setores da cultura, da inteligência brasileira. Desta forma o Movimento não só inspirou as lutas proletárias do país, como também obrigou cada setor da sociedade a se posicionar: ou permanecer como representantes de uma interpretação místico-burguesa ou se colocarem como representantes de uma causa libertária, progressista. A neutralidade neste caso virou piada grotesca. Ou alguém fica do lado do genocídio ou toma partido do lado dos camponeses condenados drasticamente àquela agressão sem sentido.

10. Os frutos colhidos pela luta coletiva são o maior símbolo popular de resistência. Do que você mais se orgulha como liderança desse movimento?

O Movimento deu muitos passos importantes, chamou a atenção do país. Dado o seu caráter combativo, dentre tantas experiências no país, Dias Gomes escolheu as comunidades associadas ao Movimento de Canudos para retratar o Pagador de Promessas. Acerca da característica crítica da minissérie, disse Roberto Marinho “não mandei vocês ao Sertão pra fazer minissérie revolucionária”. A originalidade das comunidades fez jus a muitos elogios. Mas o passo mais definitivamente marcante para a história, foi arrancar o Belo Monte do fundo do açude do Cocorobó. Eis o fato mais emancipador. Se a intenção de encobrir a história com água revelou mais um ataque àquelas experiências, satisfazendo aos interesses dos algozes, o trabalho do resgate introduziu na cultura da sociedade mestiça esse tema, liberto de todo os artificios burgueses reacionários. Foi também um audacioso questionamento a cultura burguesa racista colonialista sequestrada pelo autor de “Os sertões”. O resgate do Bello Monte quer dizer: nós, os moradores do Sistema da Caatinga, coração do Nordeste, rejeitamos todas as formas de tratamento hostil, do Sul racista. O Bello Monte com sua gente cam-

ponesa representa tudo quanto o Sul do país não é capaz de sonhar. O Nordeste dá uma lição para os racistas do Sul. Da mesma forma como derrotamos na década de 1980 o carlismo na região de Monte Santo, agora salvamos o Brasil da Extrema Direita Fascista Terrorista com todo o seu cortejo de baixezas, de atraso, de conservadorismo. Na verdade, assim como derrotamos na década de 80 a demagogia, a corrupção camuflada, a transferência das riquezas do estado para as contas da família Magalhães. Agora temos mais uma conquista a mostrar: os quadrilheiros das milícias foram derrotados. O “mito das rachadinhas” da corrupção secreta, dos sigilos de 100 anos, da transferência da riqueza do país para os cofres da família Bolsonaro, adquirindo a exemplo, 107 imóveis caríssimos, 51 dos quais com dinheiro vivo, isto é, dinheiro de corrupção, numa família onde o trabalho nunca fez parte do cardápio produtivo. Desta vez a vitória foi magistral. Tem sabor dos eventos épicos das antigas eras heroicas. Esse gesto, esta reação dos nordestinos de tão elevada, passará a história com a qualificação dos mais gloriosos anseios do povo. Representa tudo quanto as nossas tradições, a nossa cultura elevada, as nossas artes, a nossa inteligência, apresenta de mais digno de mais libertador de nossas “grandes esperanças” (Charles Dickens).

Essa vitória, captada principalmente pelos nordestinos, não significa apenas o voto em defesa da democracia, o voto contra a fome, mas principalmente representa o voto aos deuses do candomblé, o voto às águas de Iemanjá, o voto fascinante do apelo às forças da matéria. Se o nosso apelo foi atendido, aquelas divindades ouviram o clamor de todos os oprimidos, ameaçados pelas ratazanas da extrema direita, encasteladas no Palácio do Planalto. Há de se tirar uma lição. Há de se selar um compromisso. Há de se pautar um slogan na nossa bandeira: o comprometimento de jurar pelos deuses para nunca mais cair na tentação de erguer o cadáver maldito do obscurantismo, do charlatanismo, da quinta essência do aleijão de todas as raças, de nunca mais apostar nas promessas de Mefistófeles, pois suas senhas satânicas só desejam demolir as forças mais vivas, mais progressistas da nação.

Sustentado num discurso grotesco de anticorrupção, só acatado por generais golpistas, comprados por altíssimos soldos como fez na Venezuela o golpista Hugo Chaves, o Sul principal apoiador do bolsonarismo, sente-se bem

representado por um casal homicida, onde até o avião da comitiva presidencial se tornou a nave oceânica para transporte de cocaína. Eis o mito da extrema direita golpista. O mito repulsivo das sociedades atuais.

O Nordeste não compactua com nazifascistas. O Nordeste não quer ser dirigido por psicopatas, cérebros doentios, despejando rajadas psicopatológicas sobre nossas criancinhas. Nossos ídolos, se isso é possível afirmar, tem rosto cristalino, tem formato humano, tal qual Irmã Dulce, sabe acolher o pobre, o humilde, o negro, o gay, a prostituta. Tal como Antônio Conselheiro sabe estender a mão, oferecendo-lhes casa, terra, dignidade as famílias camponesas. Da mesma forma tantos outros cultuaram a inteligência, a ciência, o progresso da sociedade, a bondade.

Há de se questionar, outra vez, como o Sul deu aval a um genocida, cujo resultado de seu governo consiste em cada dia ameaçar a sociedade com golpes? Quando o Sul deu aval a essa pregação grotesca, acatando todo esse esquema demolidor das florestas quanto da vida em troca de gordas benesses, se tornando coniventes com esse fascista. Como podem falar em corrupção colocando-se favorável a esta árvore demoníaca, acatando tudo calado, omissos, feito maniqueístas? O negacionismo, o desprezo pela ciência, a substituição da inteligência pelo engodo fundamentalista protestante – o maior golpe aplicado à história, é hoje tudo quanto o Sul pode oferecer às gerações futuras.

O Nordeste tem outra cultura. Aposta no samba, no frevo, nos atabaques, no baião, na bossa nova oriunda de Juazeiro-Bahia. Mais recentemente descobriu, lá no mais profundo dos cenários da caatinga, a felicidade: Alegria povo meu, pois Canudos não morreu, está vivo na união, tá na fé no coração, no coração. Descobriu o protesto: deixem-me viver, deixem-me falar, deixem-me crescer, deixem-me organizar. Reavivou os seus propósitos: Salve, salve Canudos, roga a Deus oh Maria, benze o povo e eleva, Cristo é seu guia. Eis os nossos ídolos. (trechos de canções de Enoque Oliveira).

11. Em sua avaliação quais os limites da luta acadêmica, da escola básica à universidade, em compreender que das lutas empreendidas em Belo Monte e no Movimento Popular e Histórico de Canudos, se pode abstrair lições para as nossas lutas do presente?

Os limites da ação acadêmica atual refletem tão somente uma percepção de declínio político educacional. Posto em discussão tal fenômeno, a dicotomia entre o mundo da ciência, da inteligência, versus o mundo do proletariado é flagrante. O quadro agrava-se muito mais quando o confronto envolve o mundo acadêmico frente a realidade camponesa. Nesse novo quadro a distância se torna ainda mais indesejável.

O retrocesso político no mundo acadêmico agravado recentemente é acachapante. As ideias avançadas, progressistas, pautadas no pensamento socialista, perdem cada vez mais espaço na atividade escolar. Educadores como Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darci Ribeiro têm os seus nomes atacados, quando não espicaçados, ou mesmo extirpados da discussão acadêmica. Estamos diante de uma reviravolta pelo retrocesso.

Como, no momento, a universidade tem muito pouco a oferecer como inteligência destinada a transformação da sociedade burguesa, opressora, numa sociedade humanista pautada na democratização da terra, do capital, do conhecimento etc. O retrocesso é visível, reflete naturalmente o conservadorismo reacionário-burguês como marca decisiva dos tempos atuais.

A universidade, ao declinar de seu papel de vanguarda, na oferta de conhecimentos, na participação decisiva em prol das grandes questões brasileiras, ao ter participação insignificante na defesa da democracia defronte das arrancadas da extrema direita fascista passou a ser quase cooptada pelo extremismo burguês. Com um agravante perigosíssimo, se nos últimos anos a sociedade foi abalada pelo radicalismo conservador tornando-se claramente reacionária, guiada por amplos setores médios ou ricos, fanatizados pela pauta da extrema direita golpista, racista de característica nazifascista, o abismo entre o mundo dos proletários frente ao mundo acadêmico vai se alargando perigosamente, tornando quase impossível compreender ou não as lutas proletárias camponesas ou urbanas. Tal agravamento mostra de qual maneira a atividade escolar, na sua generalidade, persiste em ser elitista, desvinculada das grandes questões da sociedade onde pulula a força de trabalho proletária. O quadro acadêmico oferece o seguinte produto a quem precisa dele: a entrada na universidade pressupõe o afastamento da realidade concreta. Entronizados neste

recinto todos serão sustentados pela força de trabalho proletário, portanto serão convidados a afastar-se definitivamente de quem trabalha para sustentar a universidade pública, adquirindo conhecimento necessário para tornar-se serviçais das classes dirigentes. Diante desse perfil com qual percentagem de universitários as classes pobres poderão contar em sua defesa? Daí a dificuldade do engajamento nas lutas em prol do outro lado da sociedade. Como os dois movimentos apontados tem perfil desafiador não se poderá alimentar ilusões acerca dessas lutas. Tal entrave em nada reduz o valor quanto a grandeza desses movimentos. Finalmente quando a atividade escolar em toda a sua extensão voltar-se para as demandas da classe trabalhadora, superando a dicotomia atividade acadêmica versus a atividade de produção de capital, esses dois movimentos terão muito a ensinar às gerações atuais. A discussão está aberta, vamos aos fatos.

Recebido em 20 de novembro de 2022.

Aceito em 15 de dezembro de 2022.